

menor no grupo da meia dose. Reatogenicidade foi menor pós segunda dose, nos dois esquemas vacinais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102069>

PI 074

RESILIÊNCIA, DEPRESSÃO E AUTOEFICÁCIA ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM BRASILEIROS NA PANDEMIA DA COVID-19: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Elucir Gir^a, Laelson Rochelle Milanês Sousa^b, Ana Cristina de Oliveira e Silva^c, Pedro Henrique Tertuliano Leoni^b

^a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

^b Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

^c Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

Objetivo: Analisar os níveis de resiliência, depressão e autoeficácia entre profissionais de enfermagem brasileiros na pandemia da COVID-19.

Método: Estudo transversal analítico, realizado com profissionais de enfermagem brasileiros. Os dados foram coletados por meio de questionário on-line, entre os meses de Outubro a Dezembro de 2020. Usou-se o teste T de Student para amostras independentes e a análise de variância (ANOVA) com o objetivo de comparação dos escores de resiliência, depressão e ansiedade com as variáveis sociodemográficas. Foi realizada análise de regressão linear múltipla (método forward) com o objetivo de investigar em que medida os dois fatores (resiliência e autoeficácia) impactavam nos níveis de depressão.

Resultados: Participaram do estudo 8.792 profissionais de enfermagem, 5.124 (58,8%) tiveram baixos níveis de resiliência. A média da pontuação geral para "depressão" foi 0,74 e variou de 0,59 a 0,80. A média da pontuação geral para "autoeficácia" foi 0,68 e variou de 0,56 a 0,80. Os resultados demonstraram diferença estatisticamente significativa entre o escore resiliência e as variáveis: categoria profissional ($p < 0,001$); sexo ($p = 0,003$); faixa etária ($p < 0,001$); região do Brasil ($p < 0,001$); estado conjugal ($p = 0,029$) e prestar assistência em Hospital de campanha ($p < 0,001$). Em relação à depressão, os resultados demonstraram diferença estatisticamente significativa entre o escore depressão e as variáveis: categoria profissional ($p < 0,001$); sexo ($p < 0,001$); faixa etária ($p = 0,01$); região do Brasil ($p = 0,012$) e estado conjugal ($p < 0,001$). Em relação à autoeficácia, os resultados demonstraram diferença estatisticamente significativa entre o escore autoeficácia e as variáveis: categoria profissional ($p < 0,001$); estado conjugal ($p < 0,001$) e prestar assistência em Hospital de campanha ($p = 0,01$). Quanto aos preditores depressão, a variável que mais fortemente impactou os níveis de depressão foi Resiliência, explicando 6,6% do desfecho ($p < 0,001$, R^2 ajustado = 0,066).

Conclusão: Os participantes deste estudo tiveram, em geral, baixos níveis de resiliência e autoeficácia e maiores pontuações médias para depressão. Os níveis de Resiliência impactaram a variável depressão. Urge a necessidade de ações voltadas para a promoção da saúde psicológica de profissionais de enfermagem inseridos em contextos pandêmicos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102070>

PI 075

ROTURA ESPLÊNICA ATRAUMÁTICA COMO UMA COMPLICAÇÃO NA COVID-19: RELATO DE CASO

Alex Pereira Ramos^a, Ingrid Marink Pereira^a, Barbara Magalhaes de Oliveira Tiuba^a, Mariana Moura da Silva^a, Thiago Barbosa Peixoto^a, Cesar Figueiredo Veiga^a, Ana Caroline Alonso dos Santos^a, Juliana Cassia Lopes dos Santos Pena^a, Sandro Wilson da Silva Miranda^a, Leonardo Flavio Nunes dos Santos^b, Leonardo Paiva de Sousa^b

^a Hospital Norte D'Or, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Instituto Nacional de Infectologia – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Desde o início da pandemia em 2019, a infecção pelo vírus SARS-CoV-2 em pacientes adultos tem se apresentado de forma multissistêmica. Apesar de o acometimento clássico ser o pulmonar, outras manifestações clínicas raras têm sido associadas à infecção, como a síndrome inflamatória multissistêmica no adulto, eventos trombóticos e colangiopatia pós covid-19. Nesse contexto, raríssimos casos de rotura esplênica têm sido reportados como complicação pela COVID-19. O objetivo desse trabalho é relatar um caso de rotura esplênica não traumática em paciente com quadro recente de COVID-19. Paciente masculino 42 anos, sem comorbidades, com relato de dor epigástrica iniciada em repouso após escalada de montanha. Houve piora progressiva da dor, buscando atendimento médico na emergência. Realizada tomografia de abdome com contraste venoso que evidenciou rotura esplênica com laceração de parênquima associado a infarto esplênico. Avaliação da cirurgia geral favorável à conduta conservadora com analgesia e reavaliação ambulatorial quanto à realização da esplenectomia. Em história prévia, paciente relatou exame de swab nasofaríngeo com RT-PCR para SARS-CoV-2 positivo 8 dias antes do início do quadro. Negou trauma local. PAINEL de sorologias virais para diagnóstico diferencial negativo. Imunofenotipagem de sangue periférico para doenças linfoproliferativas também sem alterações. A rotura esplênica atraumática é uma apresentação rara e potencialmente fatal como complicação na infecção pelo SARS-CoV-2. Embora sua completa fisiopatogenia ainda seja desconhecida, em parte dos poucos casos reportados há a presença de trombose de